

RESPONSABILIDADE SOCIAL&EDUCAÇÃO: O PAPEL DA UNIVERSIDADE

SOCIAL RESPONSABILITY&EDUCATION: UNIVERSITY'S ROLE

Maira Meira Pinto¹

RESUMO: O presente artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica realizada sobre os temas de educação e de responsabilidade social, como forma de refletir sobre a responsabilidade social universitária. É urgente se pensar na construção de um mundo mais eqüitativo e melhor para todos, e esta tarefa tem relação direta com a educação e com a realidade universitária, pois a universidade, como agência social especializada em conhecimento e educação, é o espaço apropriado para se pensar e elaborar propostas. É a maneira como a universidade desempenha o conjunto de suas atividades no âmbito do campo em que atua (científico) e o tipo de relações que estabelece com os demais campos do espaço social, que indicam o grau de responsabilidade social de suas ações enquanto co-responsável no processo de produção social. Considera-se que lhe cabe articular o capital intelectual com demandas sociais emergentes.

Palavras-chave: Educação, Responsabilidade Social, Universidade.

INTRODUÇÃO

No século XXI, a educação não pode mais ser entendida como um sistema fechado, uma vez que nesta perspectiva o processo de ensino e de aprendizagem é estruturado apenas na capacidade eficiente e eficaz de transmissão do conhecimento. Este século, diferentemente, demanda um entendimento complexo da realidade, em que a certeza dá lugar para a incerteza na produção de novos conhecimentos. A realidade atual demanda que a educação passe a ser compreendida e operacionalizada enquanto um sistema aberto, no qual os processos (transformadores), decorrentes da experiência, dependem da interação entre sujeito e objeto, ou entre indivíduo e meio.

A universidade é um local privilegiado para que esses processos, organizados em rede², possam ser desenvolvidos. Entendendo-se que a universidade é o *locus* que

¹ Mestre em Serviço Social. Professora do Curso de Serviço Social da Universidade de Santa Cruz do Sul.

² A rede é o **padrão** comum **de organização** de todos os organismos vivos. Esta rede pressupõe três elementos fundantes: padrão; estrutura e processo vital. O padrão define-se como a configuração de relações entre os componentes do sistema, o que determina as características essenciais deste. A estrutura refere-se à incorporação física do padrão de organização do sistema; descrição dos componentes físicos efetivos do sistema. Por fim, o processo vital é a atividade envolvida na incorporação contínua do padrão de organização do sistema; é a ligação entre padrão e estrutura (CAPRA, 1997).

articula ensino, pesquisa e extensão, é compreensível fazer a leitura de que esses três elementos encontram-se conectados, sendo indissociáveis um do outro.

A universidade existe, fundamentalmente, para formar cidadãos, produzindo e reproduzindo novos conhecimentos, apropriando-se desses, operacionalizando outros e difundindo-os. Dessa forma, o processo educacional central que cabe à universidade diz respeito à produção de conhecimento para articular ações que correspondam às demandas sociais emergentes, sempre tendo em vista uma formação coerente para um cidadão responsável e pró-ativo. Neste sentido, é urgente que se discuta a responsabilidade social universitária e quais são os caminhos que esta responsabilidade social vem assumindo nos últimos anos, especialmente no século XXI.

EDUCAÇÃO

Para compreender educação, parte-se do entendimento dos quatro pilares, elencados pela UNESCO, em material sistematizado por Delors et.al. (1996), quais sejam:

- **aprender a conhecer:** não importa tanto hoje a quantidade de saberes codificados, mas o desenvolvimento do desejo e das capacidades de aprender a aprender. É um processo que não se acaba e se liga cada vez mais à experiência do trabalho, à proporção que este se torna menos rotineiro;

- **aprender a fazer:** conhecer e fazer são indissociáveis. O segundo é consequência do primeiro. Passa-se para uma noção mais ampla e sofisticada de competências, capaz de tornar as pessoas aptas a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe;

- **aprender a viver juntos:** desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências, no sentido de realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos, em contraposição à competitividade cega. É preciso, para isso, promover a descoberta do outro, descobrindo-se a si mesmo, para sentir-se na pele do outro e compreender as suas reações;

- **aprender a ser:** a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. A educação tem como papel essencial conferir a todos os seres

humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver seus talentos e permanecerem donos do seu próprio destino.

Ardoino (1971, p.70) já apontava um caminho para este entendimento, quando afirmava que:

Não se trata mais da simples tradição dum “saber” ou dum “saber-fazer”, mas da comunicação duma “experiência”, da aquisição dum “saber-viver” ou dum “saber-ser”. A ação formativa quer produzir aqui um “conhecimento experimental” dos problemas, que se pode opor ao “conhecimento intelectual”, geralmente obtido por outros métodos.

Yus (2002) entende que se vive hoje numa total fragmentação da existência. Ele elenca quatro fragmentações essenciais, quais sejam: da vida econômica; da vida social; da vida pessoal; da vida cultural. No contexto desta fragmentação, se coloca como um desafio encontrar educadores, “[...] um homem preocupado em transmitir, antes de qualquer outra coisa, sem com isso renunciar a ele, como a transmissão do fogo não implica em que a gente se desembarace dele, *o poder de ser um homem*” (ARDOINO, 1971, p.298).

Portanto, é imprescindível que se mude o entendimento de educação, desvinculando-a de uma compreensão linear, ampliando o escopo de análise. A proposta atual é que se entenda esta categoria enquanto um sistema aberto. Assim, “a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa [...] e ensinar com se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria” (MORIN, 2000, p.65).

Segundo o mesmo autor, o objetivo da educação “é mostrar que ensinar a viver necessita [de] conhecimentos [e] da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência, e da incorporação dessa sapiência para toda a vida” (MORIN, 2000, p.47).

Quando alguém aprende algo novo, não é apenas esse elemento novo [...] que se acrescenta ao que supostamente já foi adquirido, mas ocorre uma reconfiguração do seu cérebro/mente inteiro enquanto sistema dinâmico. [...] qualquer processo pedagógico somente será significativo para os aprendentes na medida em que produz essa reconfiguração do sistema complexo cérebro/mente (e corporeidade inteira) (ASSMANN, 2000b, p.41).

No século XXI, a educação requer “um investimento intensivo no desenvolvimento da inteligência, da consciência e do pensamento, atividades cerebrais consideradas interdependentes, sendo que a existência e o grau de cada uma supõe e

determina o grau de evolução da outra” (MORAES, 2005, p. 213). Aponta-se a educação como mobilizadora, e por isso “precisamos resgatar a realidade concreta desse sujeito. Uma educação mobilizadora deve sempre ter em conta as condições concretas de existência” (VASCONCELLOS, 2004, p.69).

Dessa forma, o compromisso do educador deve ser o de facilitar os processos de pensar, refletir e adquirir estruturas mentais dos educandos, de maneira que se possam aprender os conceitos básicos da área de conhecimento que estiver em questão. O educador deve reforçar a capacitação em estruturas de pensamento que possam permitir a aprendizagem autônoma, a pesquisa (VASCONCELLOS, 2004).

Para Maturana e Rezepka (2001) um professor só poderá contribuir para a formação e a capacitação de seus alunos quando viver sua tarefa educacional desde a sua própria capacidade de fazer e de ser, e desde a sua própria liberdade para refletir sobre a sua atividade enquanto professor. Isso significa que deve respeitar a si mesmo, para que possa igualmente respeitar seus alunos e fazer aquilo mesmo que ensina.

Segundo Ardoino (1971, p.97) a educação supõe “uma relação *inevitável*, da qual resta a desejar que seja tão sadia quanto possível, mas [...] jamais *indiferente*; ela é de uma parte e doutra um engajamento; *ela é co-engajamento para alguma coisa*. [...] o mestre seria [...] o ‘mediador do saber’”. Portanto, “o educador jamais terá sido tão útil como no momento em que tiver conseguido tornar-se inútil, já que esse será o sinal de sua dupla vitória, tanto sobre si mesmo como a respeito daquele que ele formava” (ARDOINO, 1971, p.99).

Uma nova educação, para a era das relações, requer que a consciência, o pensamento, a inteligência e o conhecimento sejam vistos como processo contínuo, no qual os produtos estão em permanente movimento de *vir a ser* e a reflexão produz ações que geram novas reflexões. “É um movimento recursivo de reflexão na ação e de reflexão sobre a ação. Requer a reflexão crítica sobre a práxis histórica” (MORAES, 2005, p.213).

Neste contexto, os processos cognitivos e os processos vitais finalmente descobrem seu encontro, “em pleno coração do que a vida é, enquanto processo de auto-organização” (ASSMANN, 2000b, p.28). Assim, o movimento de vir a ser torna-se, em si, o próprio movimento de vida, onde a cognição representa o processo vital de cada ser humano.

“A Era das Relações indica [...] uma nova fase de evolução da humanidade, em que prevalece o poder do indivíduo e das sociedades. Demonstra a predominância dos novos cenários dos mais diferentes sistemas de comunicações, caracterizados pelos sistemas não só tecnológicos e interpessoais, mas também intra e transpessoais” (MORAES, 2005, p. 211).

Esta “Era das Relações” (MORAES, 2005) faz com que se pense, portanto, na alternativa de um novo paradigma para se pensar a educação, uma vez que é cada vez menos viável que se prossiga na atitude epistemológica de dividir e fragmentar para entender um problema. Ao invés disso, deve-se empreender um processo de entendimento em que não haja a fragmentação do conhecimento, o que se apresentaria como uma nova alternativa para se compreender a Educação e a própria sociedade.

Conforme Maturana e Rezepka, (2001, p.13) “[...] a educação deve estar centrada na formação humana e não técnica [...]”. “O respeito mútuo [...] é fundamental porque amplia a inteligência ao entregar aos participantes, na aprendizagem, a possibilidade de dar um sentido próprio ao aprender e ao que se aprende” (MATURANA e REZEPKA, 2001, p.18).

.....O mundo que se vive é constitutivamente a expansão das próprias correlações sensório-efectoras, de modo que surge como uma expansão da dinâmica corporal que a pessoa vive a cada instante. Só quando alguém se dá conta disso é que pode escutar o outro aceitando a sua legitimidade, porque sabe que o mundo que o outro [...] vive surge com o seu viver (MATURANA e REZEPKA, 2001, p.37-38).

Assmann (2000b, p.30) colabora com este entendimento quando afirma que:

[...] aprender é um processo criativo que se auto-organiza; todo conhecimento tem uma inscrição corporal do conhecimento; dinâmica da vida e dinâmica do conhecimento estão unidas; o prazer [deve ser visto] como dinamizador do conhecimento; urge curar e re-flexibilizar as linguagens pedagógicas.

Assim sendo, o conhecimento nunca é recebido passivamente, mas é algo construído ativamente pelo sujeito. Portanto, a função da cognição é adaptativa e está sempre a serviço da organização da experiência do sujeito, nunca da descoberta de uma realidade (ontológica) objetiva. Desta forma, é função da universidade, entendida enquanto lócus da produção do conhecimento, proporcionar espaços criativos e acolhedores a seus estudantes/alunos.

É urgente se pensar na construção de um mundo mais equitativo e melhor para todos, e esta tarefa tem relação direta com a educação. “A universidade, como agência social especializada em conhecimento e educação, mais do que qualquer outra é o espaço apropriado para pensar, discutir e fazer propostas” (JULIATTO, 2004, p.15). Afinal de contas, “a universidade é filha da dúvida” (BUARQUE, 2000, p.34).

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Em função do cenário mundial, para que se consiga dar conta das necessidades sociais emergentes, passam a se compartilhar responsabilidades e deveres no que se refere ao atendimento das demandas. O Estado passa, portanto, a compartilhar o atendimento das demandas e a legitimar práticas e legislações associadas aos demais setores. O 3º Setor passa a atender demandas sociais, mas ainda de forma rudimentar, pois seus recursos humanos ainda restringem-se, na grande maioria, aos voluntários. E o 2º Setor, ciente de que para sobreviver precisa manter uma interação simbiótica com o ambiente em que existe, assume parte do atendimento das demandas sociais através da denominada Responsabilidade Social empresarial. Conforme Rico,

[...] o aumento da pobreza e a proliferação da violência urbana contaminam o dia-a-dia das elites obrigando-as a saírem de suas posições defensivas e a tomarem atitudes que modifiquem o cenário. O que ocorre é um chamamento ao cidadão, exigindo que entre perdas e ganhos, ele dirija o seu olhar para o futuro (1998, p.32).

Na compreensão dos institutos, fundações, associações empresariais que vêm buscando assumir uma gestão socialmente responsável nos negócios, a responsabilidade social empresarial é uma forma de conduzir as ações organizacionais pautada em valores éticos que visem integrar todos os protagonistas de suas relações: clientes, fornecedores, e consumidores, comunidade local, governo e direção, gerência e funcionários. Procura abarcar, no desenvolvimento de suas ações, todos aqueles que são diretamente ou não afetados por suas atividades, contribuindo para a construção de uma sociedade que promova a igualdade de oportunidades e a inclusão social (RICO, 1998).

Pode-se datar o surgimento da responsabilidade social no Brasil nos anos 80. Neste período, dava-se início à intensificação do processo tecnológico e da globalização. A internacionalização da economia e a conseqüente abertura para um

mercado global implementaram de forma rigorosa o novo modo de ser das relações econômicas.

Diante dessa nova organização empresarial global, as organizações privadas possuem uma nova diretriz nos rumos da obtenção do lucro, pois simplesmente as vantagens oferecidas em relação a valores (preços) não estão sendo suficientes para a obtenção de um mercado consumidor. Por isso, cada vez mais a qualidade do produto está relacionada à relação da empresa com a sociedade, no sentido de contribuir para sua sustentabilidade, e seu comportamento ético e esses fatores determinam o comportamento dos consumidores.

Em meados dos anos 90 é que se dá a consolidação dos investimentos sociais empresariais. A preocupação com benemerência e ações pontuais, caracterizadas como filantropia, cede lugar a investimentos que possibilitem algum tipo de retorno na aplicação de recursos em programas sociais. Aliás, o empresariado investe usando seus próprios conhecimentos na administração dos seus negócios: gestão, planejamento estratégico, planejamento financeiro, estratégias de *marketing* e capacitação de recursos. Sem criar estratégias sobre as várias dimensões do processo de avaliação, não é possível calcular os impactos de um programa social e mesmo saber se os seus objetivos foram atingidos.

O próprio quadro de exclusão social e a falência do Estado de Bem-Estar Social, criam as condições para o advento do fenômeno *responsabilidade social empresarial*. Este fenômeno já surge predestinado a ser uma das respostas para a grave problemática social. A retração do Estado, em virtude do neoliberalismo, abre lacunas nos setores públicos sociais, que passam a depender da iniciativa privada para o seu desenvolvimento.

Por isso, a responsabilidade social tem a ver com a consciência social e o dever cívico, refletindo a ação de uma empresa em prol da cidadania. Ações de responsabilidade social buscam estimular o desenvolvimento do cidadão e fomentar a cidadania individual e coletiva. Ainda, buscam contribuir para que a sociedade seja auto-sustentável, tendo condições de lidar e resolver seus conflitos e diferenças (MELO NETO, 2001).

Assim, a responsabilidade social pode ser definida como aquele compromisso que uma organização deve ter com a sociedade, expresso por meio de atos e atitudes que a afetem positivamente, de modo amplo, ou a alguma comunidade, de modo específico.

A organização, nesse sentido, assume obrigações de caráter moral, além das estabelecidas em lei, mesmo que não diretamente vinculadas a suas atividades, mas que possam contribuir para o desenvolvimento sustentável dos povos (ASHLEY, 2002).

Outro aspecto importante a ser destacado na discussão sobre a responsabilidade social refere-se aos *stakeholders* ou públicos-alvo das ações socialmente responsáveis. Estes se dividem em público interno e público externo. O público interno das ações de responsabilidade social são os funcionários, os dependentes dos funcionários e os empregados terceirizados. O público externo envolve comunidade (do entorno da organização), governo e sociedade, fornecedores, consumidores e clientes, meio ambiente.

Frente ao exposto até então, pode-se concluir que as empresas socialmente responsáveis buscam soluções globais. Daí porque suas causas são socialmente globais, como o combate à fome, à pobreza e ao desemprego. O foco principal de suas ações será sempre a exclusão social, por isso se envolvem com estratégias de inclusão social. Algumas destas estratégias podem ser encontradas nas áreas de educação, capacitação, concessão de créditos, empregabilidade e cooperativismo.

Todavia, sabe-se que as ações de responsabilidade social são partes de soluções dadas em escalas, e que estas ações empresariais fazem parte de uma parceria que envolve os três setores de atividade. O espaço onde se dão as ações, programas e projetos de responsabilidade social é a própria sociedade, com a finalidade de contribuir para que ela se torne auto-sustentável.

RESPONSABILIDADE SOCIAL&EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE

Órgãos internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), estão empenhados em pensar sobre as questões que envolvem a responsabilidade social da universidade. No que se refere especificamente à UNESCO, esta tem na Rede Universitária Global para Inovação (GUNI/Global University Network for Innovation) o espaço para discutir questões relacionadas ao Ensino Superior.

Em abril deste ano foi realizada a IV Conferência Internacional de Barcelona sobre Ensino Superior³, que tinha como tema “Ensino Superior: novos rumos e papéis

³ As informações sobre a IV Conferência de Barcelona sobre o Ensino Superior foram retiradas de: <<http://www.guni-rmies.net/newsletter/edit.php>>.

emergentes para o desenvolvimento humano e social”. Nesta Conferência, teve-se como pano de fundo a grande pergunta: “Quais são os novos rumos e os papéis emergentes do Ensino Superior para o desenvolvimento humano e social?”.

Esta pergunta convida os participantes a refletir sobre como o Ensino Superior pode contribuir frente a estes novos rumos no contexto da globalização. No papel que o Ensino Superior tem hoje em dia há implicações políticas, econômicas e sociais. As instituições de Ensino Superior estão bem posicionadas para vincular o local com o global e é precisamente esta razão que lhes dá oportunidade de trocar processos em muitas sociedades e contribuir para o desenvolvimento humano e social. Elas são personagem-chave com uma responsabilidade que lhes permite ocupar um papel fundamental na construção da sociedade.

Esse papel das instituições de Ensino Superior tem evoluído com o tempo: passam de garantidores da conservação de formas de conhecimento culturalmente reverenciadas ou fonte de pessoal altamente qualificado e investigadores dedicados a satisfazer necessidades econômicas a agentes do desenvolvimento e da transformação social, que é como se percebe estas instituições nos últimos tempos.

O gestor de uma universidade com responsabilidade social tem que conduzir suas ações de maneira que se torne co-responsável pelo desenvolvimento sustentável da sociedade. Segundo Audy (2006, p.57) “[...] a sociedade passa a esperar mais das Universidades em termos de contribuições ao processo de desenvolvimento econômico e social. Os problemas se tornam mais complexos e o ambiente mais incerto”.

[...] a Universidade deverá [...] produzir o saber buscando o equilíbrio entre conteúdo social e a excelência acadêmica especificamente profissional, num explícito comprometimento com a elevação das condições de vida a níveis mais dignos e fraternos, numa significativa interação com o entorno social onde se situa, cumprindo, assim, o papel que cada vez mais é chamada a desempenhar (VOLPI, 1996, p.17-18).

É a maneira como a universidade desempenha o conjunto de suas atividades no âmbito do campo em que atua (científico) e o tipo de relações que estabelece com os demais campos do espaço social, que indicam o grau de responsabilidade social de suas ações enquanto co-responsável no processo de produção social. Cabe-lhe articular o capital intelectual com demandas sociais emergentes (DESAULNIERS, 2006a, p.1).

[...] nos tempos modernos, [a universidade] passou a preocupar-se em atender também às necessidades do seu tempo e do seu espaço. Hoje, a par

de sua tarefa primordial, a universidade está voltada a participar ativamente de ações exteriores ao ambiente da academia (OLIVEIRA, 2004, p.96).

Audy (2006, p.68) complementa estas colocações afirmando que o “[...] balanço entre tradição (representada pelos valores acadêmicos) e a renovação (representada pelas novas demandas da sociedade) é o diferencial que as melhores universidades do futuro estão construindo hoje”.

Os agentes envolvidos no processo de responsabilidade social da universidade, ou seja, professores, funcionários e alunos das universidades, precisam estar disponíveis e entenderem sua participação neste processo, enquanto desenvolvimento da competência social, importante elemento para que se possa compreender o papel da universidade para com seu entorno e, também, para a construção de conhecimento.

Considerando a posição de Juliatto (2004, p.15), “por sua natureza, toda universidade é socialmente responsável pelo fato de preparar profissionais que deverão sustentar-se com dignidade e de preparar lideranças para todas as áreas [...]. Além disso, ela promove a responsabilidade social enquanto educa seus alunos para a solidariedade”

Para tanto, é importante que ambos, professor e aluno, estejam envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem de forma que estes processos ocorram, de fato, em uma via de mão dupla. Em uma universidade, este caminho é imprescindível de ser trilhado, uma vez que se parte do princípio de que o estudante universitário tem autonomia suficiente para trilhar sua formação e contribuir para as discussões estabelecidas na sala de aula, nos grupos de pesquisa e nos projetos de extensão.

É necessário que a universidade torne-se uma

[...] *usina* de transformação para enfrentar o espaço social. Essa usina de produção e transformação será possível pelo (re)conhecimento das necessidades do grupo envolvido, pela (re)formulação de hábitos e comportamento, pelo redimensionamento de espaços e estímulo à criatividade. Isso, sem dúvida, envolve trabalho compartilhado e investigação (ENGERS, 2007, p.27).

Se o saber, conforme Pozo (2007), está cada vez mais inabarcável, o processo de ensino e de aprendizagem também o está. Não em um sentido pejorativo ou negativo, mas em um sentido de permanente busca de saberes válidos para a construção do conhecimento. Aluno e professor são parceiros nesta caminhada, e é imprescindível que o professor exercite com o aluno a sua autonomia, no sentido de buscar a produção do conhecimento, e não sua mera reprodução.

A educação possibilita compreender o significado do desenvolvimento humano, criando condições para seu aprimoramento. Desta forma, estará colaborando para a identificação da própria identidade humana, na sua totalidade. “Uma identidade construída com base na integração do plano individual com o ecossociocultural, que esclarece as relações do indivíduo consigo mesmo, com a sociedade e a natureza, em busca de sua própria transcendência” (MORAES, 2005, p.211).

Por isso, “é tarefa universal da educação prover o acesso ao conhecimento para todos, ajudando as pessoas na compreensão do mundo e na busca da harmonia na convivência humana” (JULIATTO, 2004, p.17). A dimensão ética da educação adquire um novo valor, conciliando a competição que estimula, a cooperação que partilha e a solidariedade que une. Isso será possível na medida em que se criar para os estudantes

[...] um ambiente de aprendizagem contínua que os capacite a seguir aprendendo ao longo de toda a vida e a permanecerem receptivos a todas as mudanças conceituais, científicas e tecnológicas que vão surgindo durante a vida ativa. É preciso que se passe de um modelo baseado na acumulação de conhecimentos a outro modelo, baseado numa atitude de permanente e ativa aprendizagem. [...] o modelo pedagógico [tradicional] deve ser substituído por outro modelo, no qual o aluno se converta no agente ativo do processo de aprendizagem, que deverá ser mantido durante toda a vida (MORA, 2006, p.125).

“O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca, opera como uma transformação estrutural contingente, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o ser da comunidade em que convivem” (DESAULNIERS, 2006b, p.28).

A educação é um mundo, e neste mundo educadores e educandos confirmam seu modo de viver e de ver a vida, bem como a maneira como entendem o processo de aprender. Afinal de contas, a universidade atua em um mundo complexo, recheado de incertezas, no qual são exigidas novas interfaces com a sociedade, no sentido de capturar e responder às suas demandas (AUDY, 2006).

A responsabilidade social da universidade passa justamente por este entendimento, na medida em que no mundo atual, em que o conhecimento é a moeda mais valiosa, a contribuição da universidade como comunidade científica constituída é incomensurável ao conjunto da sociedade.

Redução das desigualdades, instituição da missão social e integração em uma rede de proteção social articulada com os vários setores da sociedade passa a fazer parte

da realidade de uma universidade que se quer socialmente responsável. A universidade deve ser crítica e participativa, produzindo conhecimentos úteis à sociedade.

Conforme Clotet (2006, p.11) a universidade do século XXI deve ser:

[...] empreendedora pelo seu compromisso com o desenvolvimento da comunidade na qual está inserida; pela formação de atitudes e habilidades que propicia aos acadêmicos; pelo gerenciamento eficiente e pela sustentabilidade financeira que facilitam a consolidação institucional, a manutenção e o crescimento da pesquisa de qualidade e, conseqüentemente, pelo desenvolvimento social.

Na responsabilidade social interna, a universidade deve investir no bem-estar de seus professores, alunos, funcionários e seus dependentes, no sentido de proporcionar-lhes condições favoráveis para o desenvolvimento de seu trabalho em um ambiente saudável e promissor. Em relação à responsabilidade social externa da universidade, esta se refere à sua participação no processo de desenvolvimento da própria sociedade. Isto se dá através da elaboração e execução de projetos que tenham como finalidade o atendimento de problemas específicos que a comunidade (do entorno) ou a região onde está situada a universidade enfrenta (OLIVEIRA, 2004).

Com este tipo de trabalho, ocorre um enriquecimento de todas as partes envolvidas. Os alunos adquirem uma formação orientada para a resolução de problemas sociais concretos, contribuindo ainda para sua formação de cidadania e de solidariedade. Para o professor, estas ações significam o momento de colher os frutos de seu projeto pedagógico, além de avaliar constantemente a sua própria prática. A comunidade, também participante deste processo, beneficia-se com o conhecimento advindo da universidade, bem como adquire novas perspectivas de vida e de projeção para o futuro.

Para que as ações de responsabilidade social universitária sejam concretizadas é necessário que a universidade se comprometa de maneira diferenciada com a formação dada para os seus alunos, especialmente no que se refere à sensibilização, para que eles enxerguem os problemas sociais que os rodeiam. Isto será possível na medida em que os professores tiverem uma postura aberta à troca com os seus alunos, para que estes se sintam capazes de integrar as iniciativas de responsabilidade social da universidade.

Esses são alguns dos desafios que atingem a vida das universidades. As respostas para essas ações devem estar necessariamente pautadas em uma postura ética, pró-ativa e responsável (DESAULNIERS, 2006a). Somente assim, estar-se-á apto a realmente desenvolver projetos e propostas de caráter socialmente responsável dentro das universidades.

Finalmente, é preciso que a universidade se transforme em uma instituição

[...] **geradora**, onde a reflexão teórica e a investigação, intimamente imbricadas com a contribuição ética e estética, se instalem de maneira integral tanto no corpo docente quanto em seu alunado. [...] Uma Universidade dessa natureza deve [...] estar em sintonia com a realidade para, dessa forma, colaborar na solução de problemas em todos os setores da atividade humana, exercitando sua capacidade reflexiva e assim poder, crítica e criativamente, antecipar-se aos acontecimentos, tentando configurar propostas viáveis para a sociedade do futuro (VOLPI, 1996, p.23-24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio da Universidade de hoje é construir em cada contexto sócio-cultural, em cada instituição universitária concreta uma razão solidária. Assumir esta perspectiva supõe liberar nossa capacidade criativa e crítica. Exige unir esforços com todos aqueles que, na vida universitária e desde outras mediações científicas, culturais e sociais, acreditam na necessidade de repensar e transformar estruturalmente o mundo em que vivemos.

A universidade, instituição com grande potencial humano e científico, não pode ficar à margem do que acontece na vida social, pois tem a obrigação de se envolver na resolução, ou na tentativa de resolução, dos problemas oriundos de um mundo da qual ela também faz parte. Ela deve ser uma poderosa alavanca para o desenvolvimento cultural, social e econômico da comunidade na qual se encontra.

O mundo sofreu uma transformação considerável nos últimos anos. Ainda que uma parte da humanidade desfrute de uma maior qualidade de vida, surgem importantes metas como: a redução da pobreza e da crescente disparidade na distribuição das riquezas, a justiça internacional, a equidade global e os direitos humanos, a compreensão intercultural, a construção da paz, a cidadania e o governo globais e o desenvolvimento sustentável.

Portanto, as universidades têm diante de si tempos fascinantes com um rumo interessante, porque ao mesmo tempo em que a globalização possibilita que elas aproveitem importantes oportunidades, também as obriga a enfrentar problemas graves em um futuro próximo, porque devem se questionar sobre qual é seu valor principal – servir ao bem comum.

Em resumo, é necessário buscar soluções para os problemas globais, conseguindo promover uma mudança de paradigma para reconstruir a sociedade em

resposta a estes rumos e para deixar um mundo melhor às gerações futuras. Por isso, urge a necessidade de as universidades se (re)encontrarem com seu compromisso social, desenvolvendo ações que as caracterizem como socialmente responsáveis.

ABSTRACT: *The present article is the result of a bibliographical research on the subjects of education and social responsibility, so as to meditate on the university social responsibility. It is urgent to think about the construction of a more equitable and better world for everybody, and this task has direct relation with education and with university realities, since the university, as a social agency specialized in knowledge and education, is the appropriate space to think and to elaborate proposals. It is the way the university carries out activities in its field of action (scientific) and the type of relationships that it establishes with the other fields of social space which indicates the degree of social responsibility of its actions as co-responsible in the process of social production. This essay defends that the university should articulate intellectual capital to the emerging social demand.*

Keywords: *Education. Social Responsibility. University.*

REFERÊNCIAS

ARDOINO, Jacques. **Psicologia da educação:** na universidade e na empresa. Tradução de Nestor Dockhorn. São Paulo: Editora Herder, 1971.

ASHLEY, Patrícia Almeida (coord.). **Ética e responsabilidade social nos negócios.** São Paulo: Saraiva, 2002.

ASSMANN, Hugo. **Competência e sensibilidade solidária:** educar para a esperança. Petrópolis: Vozes, 2000a.

_____. **Reencantar a educação:** rumo à sociedade aprendente. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2000b.

AUDY, Jorge Luis Nicolas. Capítulo 2: Entre a tradição e a renovação: os desafios da universidade empreendedora. In: AUDY, Jorge Luis Nicolas e MOROSINI, Marília Costa. **Inovação e empreendedorismo na universidade.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p.56-p.69.

BUARQUE, Cristovam. **A aventura da universidade.** 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1997.

CLOTET, Joaquim. Apresentação. In: AUDY, Jorge Luis Nicolas e MOROSINI, Marília Costa. **Inovação e empreendedorismo na universidade.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p.11-p.12.

DELORS, Jacques et al. Educação: um tesouro a descobrir. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1996.

DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. Desenvolvimento sustentável da sociedade passa pela universidade. Entrevista concedida para a Editora da ULBRA. In: <<http://www.editoradaulbra.com.br>>. Acesso em 13/maio/2006a.

_____ (org.). **Responsabilidade social & universidade**. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006b.

ENGERS, Maria Emília Amaral. Ensinar / Aprender e Empreender: desafios e competências para o Ensino Superior. In: ENGERS, Maria Emília Amaral e MOROSINI, Marília Costa (org.). **Pedagogia universitária e aprendizagem**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

GUNI. <<http://www.guni-rmies.net/newsletter/edit.php>>. Acesso em 2/maio/2008.

JULIATTO, Clemente Ivo. Universidade e solidariedade social: pegadas na areia global. In: ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Sei em quem confiei**: festschrift em homenagem a Norberto Francisco Rauch. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MATURANA, Humberto e REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação**. Tradução de Jaime A. Clasen. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELO NETO, Francisco Paulo de. **Gestão da Responsabilidade Social corporativa: o caso brasileiro**. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 2001.

MORA, José-Ginés. Capítulo 4: O processo de modernização das universidades européias: o desafio da sociedade do conhecimento e da globalização. In: AUDY, Jorge Luis Nicolas e MOROSINI, Marília Costa. **Inovação e empreendedorismo na universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p.116-p.142.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 11.ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

OLIVEIRA, Helena Wilhelm. Responsabilidade social: um novo olhar sobre o papel da universidade. In: ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Sei em quem confiei**: festschrift em homenagem a Norberto Francisco Rauch. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

POZO, Juan Ignacio. Aprender em la sociedad del conocimiento. In: In: ENGERS, Maria Emília Amaral e MOROSINI, Marília Costa (org.). **Pedagogia universitária e aprendizagem**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

RICO, Elizabeth de Melo. O empresariado, a filantropia e a questão social. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**. Ano XIX, nº 58, v.19, novembro de 1998. São Paulo: Cortez. p.24-40.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 15.ed. São Paulo; Libertad, 2004. – (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v.2).

VOLPI, Marina Tazón. **A universidade e sua responsabilidade social**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

YUS, Rafael. **Educação integral: uma educação holística para o século XXI**. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.